

# *Dia do* **Colono & Motorista**



Tradição, história e  
**trabalho**

Na data em que é celebrada a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, as reflexões giram em torno da importância que esse processo teve na construção da atual sociedade e desenvolvimento econômico por meio de atividades como a agricultura. Da mesma forma, os motoristas dão sua contribuição gerando oportunidades e progresso.

# Memórias preservadas para **compreender o presente**

*É a partir da análise acerca da história da imigração e seus impactos sociais e econômicos que se entende como foi a construção de um novo Estado, um novo país*



Acervo: Cedoc Unisc/Divulgação/GS

Entre as atividades que se difundiram com a imigração está a produção de arados, como mostra a imagem da década de 1940 na ferraria de Avelino e Arnaldo Müller, localizada em Monte Alverne

“**E**squecer nossas memórias históricas, locais, regionais, nacionais e principalmente mundiais é um desperdício de uma oportunidade histórica. Lembrar nossos passados para entender o presente é uma forma de fortalecer nossa existência e assegurar viver juntos no respeito a nossa diversidade humana, como um valor a ser preservado.” É dessa forma que o professor e pesquisador Jorge Luiz da Cunha, que há décadas se dedica ao estudo da história da imigração alemã, define a importância não apenas de datas, mas de reflexões como devem ocorrer neste 25 de julho.

O motivo está justamente na preservação de aspectos cada vez mais relevantes e indispensáveis na sociedade contemporânea, a fim de ajudar a preservar aspectos que fazem parte de milhares de famílias e também do desenvolvimento econômico e social. Com propriedade, o professor Cunha analisa pontos importantes sob o viés cultural em que se dá a imigração alemã.

Para ele, datas como o 25 de julho devem servir de reflexão em torno da valorização cultural e sua inegável conexão com o ensino em todos os níveis, desde os mais elementares até a área científica focada nas pesquisas. Para o professor, diversos silêncios e novos horizontes podem ser pensados quando se discute e divulga questões históricas vinculadas às migrações humanas de um modo geral e às migrações alemãs – que se iniciam como imigração para o Brasil em 1824 – no contexto nacional e internacional. “Embora se

observe a luta de movimentos sociais e a ‘virada’ na produção de pesquisa especialmente nas ciências sociais e humanas sobre esse tema, ainda prevalece a lógica folcloricocêntrica que norteia a definição de comemorações e festividades relacionadas aos 200 anos da imigração e colonização alemã no Brasil”, observa.

Desse modo, ressalta o professor, é de fundamental importância se aguçar o olhar para compreender a importância da retomada, divulgação, discussão e provocação de diversas manifestações e produções (científicas, culturais, sociais). Isso pode colaborar; segundo ele, para a superação das práticas tradicionais de rememoração e consequentemente de significação das migrações alemãs para o Brasil. “Outra questão a ser apontada é a importância social e política que a memoração, rememoração do tema que fundamenta e legitima nossa consciência individual e coletiva. Eu penso que essa é uma necessidade diante da divisão social e política que vive o Brasil no presente”, complementa.

Assim, salienta o professor Jorge Cunha, a unidade não pode ser construída com base na divisão, na cisão sociocultural. “Por isso, lembrar, conhecer e aprofundar a contribuição da imigração de alemães nos contextos históricos de construção da sociedade brasileira é um atributo contudente para reconhecermos que a unidade somente pode ser construída através do exercício do respeito e do diálogo entre as diversidades humanas”, reforça. **Continua até a página 8.**

## EXPEDIENTE

- **Edição:** Dejair Machado  
✉dejair@gazetadosul.com.br
- **Textos:** Dejair Machado, Marcio Souza, Marisa Lorenzoni e Romar Beling
- **Diagramação:** Rodrigo Sperb

**PREMIUM**  
TABACOS DO BRASIL

**25 de Julho**  
Dia do Colono e Motorista

**Hoje é o dia das pessoas  
que com seu movimento  
geram desenvolvimento.**

**PARABÉNS** Colono e Motorista  
e o nosso **MUITO OBRIGADO** pela dedicação e comprometimento.

Produtora integrada à JTI Lisane Teresinha Schuster e produtor integrado à JTI e transportador Gerson Luis Schuster, Santa Cruz do Sul (RS).



*Nós acreditamos que, trabalhando juntos, todos prosperamos.*

## NÓS TAMBÉM.

A JTI considera que ter uma relação de respeito e parceria com os produtores integrados e com os transportadores é o ponto de partida para o fortalecimento do Sistema Integrado de Produção de Tabaco e para a sustentabilidade de toda a cadeia produtiva.

O Dia do Colono e Motorista é dia de reconhecer o esforço daqueles que trabalham diariamente para fazer a engrenagem do setor funcionar. Parabéns!

**25 de julho | Dia do Colono e Motorista**

[www.jti.com/brasil](http://www.jti.com/brasil)

# Uma construção histórica

*Dentre os aspectos que marcam o início do processo de colonização com imigrantes de origem alemã, está a busca por uma classe trabalhadora para prover o Brasil*

**A**o longo dos anos, inúmeros trabalhos ajudaram a contar, cada qual ao seu modo, aspectos relacionados à imigração e suas contribuições para as sociedades em suas épocas. O importante, alerta o pesquisador Jorge Luiz da Cunha, é compreender como se deu esse processo e quais os reflexos na compreensão dos fatos.

Para além dos objetos presentes nas famílias ou da história compartilhada de forma oral entre gerações – ainda que muitos descendentes de imigrantes guardem documentos que ajudam a corroborar os relatos –, é preciso entender o contexto político e econômico vinculado à comemoração e interpretação dos 200 anos da imigração estrangeira. Este processo, observa, começa com imigrantes de línguas germânicas, a produção e a publicação de relatos memoriais, diários de viagens, muitos deles de caráter intelectual ou científico (especialmente geográfico, econômico e político), e, principalmente, diários e cartas de imigrantes que foram estrategicamente utilizados como forma de propagar interesses e estimular os deslocamentos migratórios.



Bruno Pedry/Banco de Imagens/GS

Jorge Luiz da Cunha é professor titular da Universidade Federal de Santa Maria, atuando no Departamento de Fundamentos da Educação e nos Programas de Pós-Graduação em História, do Mestrado Profissional em Ensino de História e de Pós-Graduação em Educação. É doutor em História Medieval e Moderna Contemporânea pela Universität Hamburg (Alemanha), mestre em História pela Universidade Federal do Paraná e graduado em Estudos Sociais (História e Geografia e Educação Moral) pelas Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (atual Unisc). Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado junto à Unisinos no ano de 2019.

É também membro do Comitê História, Região e Fronteira da Associação das Universidades do Grupo Montevidéu-AUGM. Desde dezembro de 2016, é presidente da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (Biograph).

Quando aos relatos memoriais e diários de viagens, Jorge Cunha destaca o fato de se compreender que muitas obras e suas publicações foram financiadas pelo governo brasileiro, especialmente na segunda metade do século 19, ou até mesmo pelo governo alemão, depois da unificação do Reich em 1871 e da aplicação de sua primeira legislação sobre emigração, datada de 9 de junho de 1897.

Dentre os exemplos nesse sentido, ele cita o médico Avé-Lallemant (1859), que descreve uma viagem pelo Rio Grande do Sul realizada em 1858, expressando seu

entusiasmo por meio da descrição idílica de diferentes paisagens, relacionadas com sua passagem pela colônia de Santa Cruz. No texto, o viajante conta como era a vida na nova terra e as perspectivas e oportunidades que poderiam existir em um local ainda em formação. “Aqui, as descrições das colônias de imigrantes alemães, ou das existências concretas dos colonos imigrantes, buscam estimular o desejo do novo, do não vivido, da construção possível de uma nova vida em um novo mundo. Eu entendo e me inspiro por essas memórias na importante significação de nosso tempo presente”, afirma.

Sob o viés histórico, ele salienta que a História é a ciência do presente, pois contribui para preservar o presente e executar o futuro no reconhecimento da importância da diversidade humana associando a sobrevivência, a permanência e a expansão da cultura dos imigrantes que haviam fundado e povoado colônias agrícolas no sul do Brasil, com a possibilidade de organizar uma força política com bases culturais nacionalistas em proveito dos interesses econômicos e políticos, mas principalmente dos sociais e culturais.

## Com a força do colonizador

Os primeiros imigrantes, ao desembarcarem nas terras brasileiras, mais precisamente no Rio Grande do Sul, encontraram uma realidade que jamais poderiam imaginar. Para seguirem em frente, receberam incentivo e ferramentas a fim de desenvolverem suas atividades profissionais, mas também para produzir o alimento necessário à manutenção de suas famílias.

Conta-se que esses auxílios foram fundamentais. Da mesma forma, muitos dos imigrantes traziam conhecimentos adquiridos em sua terra natal, o que fomentou, desde cedo, a vocação empreendedora. Ferreiros, sapateiros, marceneiros e outros tantos começaram a trabalhar sob condições limitadíssimas para ganhar

a vida. Houve ainda os que foram para a agricultura, tanto que até hoje existem milhares de famílias dedicadas ao cultivo de alimentos e, no caso do Vale do Rio Pardo, ao tabaco, que é fonte de renda para muitos descendentes de imigrantes.

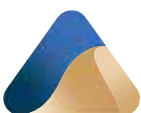
E neste contexto, a imigração alemã, mas também a de outros povos, contribuiu, nas palavras do professor Jorge Luiz da Cunha, para moldar as atuais características do Rio Grande do Sul. “O que se esperava com as práticas políticas e administrativas, do governo imperial e do governo provincial, era que os colonos, uma vez estabelecidos, se voltassem para a produção de excedentes, que pudessem ser comercializados, possibilitando a formação

de pecúlio, necessário para o pagamento da dívida colonial, ao mesmo tempo que abastecessem as cidades e povoações brasileiras no século 19 completamente dependentes de produtos estrangeiros importados”, explica.

E o desenvolvimento desta política de colonização do Rio Grande do Sul confirmou, mais tarde, segundo ele, o papel complementar da economia gaúcha no quadro nacional, organizado por São Paulo e Rio de Janeiro na forma de um modelo econômico primário-exportador: “Como se percebe, as colonizações estrangeiras e suas caracterizações históricas nos ajudam a entender a realidade do tempo presente em nosso Rio Grande do Sul”, salienta.

**NOSSA HOMENAGEM PARA QUEM PRODUZ E TRANSPORTA AS RIQUEZAS DO NOSSO PAÍS!**

*Feliz Dia do Colono e Motorista!*



**Aerial Santa Cruz**

51 3719-1474 ☎ 51 99954-2904

✉ areialstacruz@gmail.com

📍 Rua Victor Frederico Baumhardt, 216 - Distrito Industrial - SCS



# Faltavam gêneros de **primeira necessidade**

A vinda dos imigrantes, por mais que em alguns momentos tenha sido romaneada, teve momentos muito desafiadores. E isso se dá no contexto da formação de um novo Brasil, que precisava mão de obra para desempenhar inúmeras atividades – inclusive, a produção de alimentos.

Segundo o professor Jorge Luiz da Cunha, os gêneros de primeira necessidade se tornavam escassos e o preço subia de forma alarmante. “Esta situação ocupou o governo imperial nos primeiros anos da independência. O estabelecimento de colônias de estrangeiros, pequenos proprietários que utilizavam sua própria força de trabalho, nas regiões não ligadas diretamente à produção destinada ao mercado externo, atenuou os efeitos da crise de mão de obra na produção de alimentos e permitiu a migração de escravizados dessas regiões para as regiões monocultoras, substituindo o braço escravo pelo braço imigrante na produção de alimentos”, explica.

Além da questão da supressão do tráfico, há um ponto que não pode ser desprezado na análise do contexto que motivou o começo da imigração e colonização alemã no Brasil, diz o professor:

a necessidade política de formação de esquadrões de soldados que defendessem a independência brasileira ante as pretensões portuguesas.

Segundo ele, o modo como se processou na Europa o recrutamento de colonos e soldados, e o fracasso da organização dos batalhões de estrangeiros, resultaram em completo descrédito da imigração para o Brasil entre os opositores de D. Pedro I no Brasil, de um modo contundente, e entre a maioria dos governos europeus, especialmente na Alemanha.

O reflexo disso foi que, com a lei de orçamento de 1830, projetada para os anos financeiros de 1831 e 1832, foram abolidas quaisquer despesas com imigração e colonização para todas as províncias do império brasileiro. “A lei de orçamento de 1830 espelha a crescente oposição à política de D. Pedro I e foi uma reação ao excesso de dinheiro gasto com os batalhões de alemães. Interrompeu-se também, assim, a contratação de mercenários para o Império como motivação para a entrada de estrangeiros no país, pelo menos até a fundação da segunda colônia alemã no sul do Brasil, Santa Cruz, em 1849.”

## No mapa



Acervo: Cedoc Unisc/Divulgação/GS

Ao redor da habitação, sempre havia pomares e jardins cuidados com esmero pela dona de casa

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a primeira colônia, fundada em 1824, foi estabelecida em lotes da Real Feitoria do Linho Cânhamo e Estância Velha. A primeira Real Feitoria do Linho Cânhamo foi fundada na Ilha de Canguçu, na Laguna dos Patos, em 1783, dedicando-se à produção de linho para a fabricação de cordoalha náutica para a Coroa. Em 1803, a Real Feitoria do Linho Cânhamo foi transferida para o “Fachinal da Courita” (Feitoria Velha), junto à margem esquerda do Rio dos Sinos. No mesmo lugar, na margem direita do Rio dos Sinos, entre os arroios das Pedras, Portão e Costa da Serra, em terras de campos e matos desapropriados no começo do século 19 para a criação de gado, localizava-se a Estância Velha. A Feitoria Velha e a Estância Velha foram extintas em 1824, com a fundação de São Leopoldo.

Essa primeira experiência no Rio Grande do Sul não dispunha de uma regulamentação legal própria. Os primeiros alemães que nela se estabeleceram receberam as vantagens oferecidas aos colonos de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro.

São Leopoldo era uma colônia sob a responsabilidade do governo imperial, criada por D. Pedro I, e acobertava os interesses estratégicos da Coroa, que recrutava na Europa imigrantes, em sua maioria destinados aos batalhões de estrangeiros do imperador e à fundação de colônias em regiões remotas do sul do país para a defesa de suas províncias parcamente povoadas.

## NA TERRA E NA ESTRADA, SUSTENTABILIDADE É O QUE NOS MOVE. PARABÉNS, COLONOS E MOTORISTAS.

Do talento de quem planta à dedicação de quem transporta. Movimentamos a economia local porque os colonos e motoristas trabalham juntos, com muito comprometimento, amor pela terra e foco na sustentabilidade. É uma parceria de longa data, que gera desenvolvimento para as comunidades onde estamos presentes e para as próximas gerações.

25 de julho, Dia do Colono e Motorista.



PHILIP MORRIS  
BRASIL

# Para entender como tudo aconteceu

Acervo: Cedoc Unisc/Divulgação/GS



Alegria com os peixes: no Rio Pardinho, os descendentes de imigrantes faziam animados piqueniques e pescaria. Na foto, observa-se a carreta com o bebê, muito usada para levar os filhos pequenos para os passeios

## Fatos que marcaram a colonização

- 1 No Estado, foram fundadas as colônias de São Leopoldo, Três Forquilhas, São Pedro de Alcântara das Torres e São João Batista das Missões pelo governo imperial a partir do ano de 1824. Elas tinham as mesmas bases do estabelecimento dos colonos suíços em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, a partir de 1818: concessão gratuita de terras, ferramentas e subsídios.
- 2 A colônia de Santa Cruz, atualmente as regiões dos vales do Rio Pardinho e do Rio Pardo (*imagem ao lado*), foi fundada em 1849, como uma retomada político-administrativa do chamado "Segundo Império", depois das inúmeras crises, inclusive violentas, associadas ao período regencial, entre os anos de 1831 e 1845 no Brasil, como a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul (1835-1845).
- 3 Para que alguém emigre, são necessárias razões suficientemente fortes para que abandone o conhecido e busque o desconhecido com todos os riscos e implicações dessa decisão. Essas razões são principalmente econômicas, isto é, alguém é levado a emigrar por pobreza. São os pobres que emigram e emigram quando sua vida tradicional se torna difícil ou impossível. Juntam, então, os seus últimos recursos, vendem seus trastes e partem em busca de um lugar onde supõem realizar suas esperanças.
- 4 Para compreender esse processo, é necessário verificar as condições de vida no país de onde partiram os imigrantes. No caso, interessa compreender a realidade da Alemanha, que, no século 19, e especialmente nas duas décadas que antecederam sua unificação, expulsou cerca de 3 milhões de emigrantes. A maioria aportou nos Estados Unidos da América do Norte. Somente uma pequena parte se dirigiu ao Brasil, principalmente ao Rio Grande do Sul.
- 5 O cumprimento das promessas e vantagens aos colonos de São Leopoldo, Três Forquilhas, São Pedro de Alcântara das Torres e São João Batista das Missões nem sempre aconteceu. Houve problemas principalmente no que dizia respeito à demarcação dos lotes, problemas somados ao descumprimento de alguns itens do decreto de 1818. Esses fatos levaram o governo prussiano a intervir, o que resultou na autorização, por parte do governo imperial brasileiro, do pagamento das passagens, subsídios diários e concessão gratuita dos lotes.

*Em dez tópicos, compreenda como se deu o processo de imigração, os impactos que isso proporcionou à sociedade da época e os reflexos que ainda podem ser presenciados nos dias de hoje*

A imigração se dá em um contexto de transformações sociais e políticas na Europa e tem seus reflexos no Brasil. Esse processo transcorre em uma continuidade. Afinal, a imigração alemã para a fundação de colônias características para a produção de alimentos sem o uso de mão de obra escravizada no Brasil independente é de grande importância. Desta forma, se insere nas transformações econômicas, sociais e políticas na Europa e nas Américas, principalmente no transcorrer do século 19.

A seguir, entenda como se deu a emigração, a partir do exame da realidade econômica e social de diversos estados que compunham a Alemanha antes de sua unificação, em 1871, agrupados em regiões pelo critério de procedência dos imigrantes que colonizaram parte do Rio Grande do Sul. A explicação é do professor e pesquisador Jorge Luiz da Cunha, da Universidade Federal de Santa Maria, mas que mantém vínculos com Santa Cruz do Sul.



**POÇOS ARTESIANOS**

SI 3741.5558 ou  
SI 9.9922.7260 Aliberto

Rua Aurino Guterres de  
Carvalho, 3118 - Bairro Bela  
Vista - Venâncio Aires - RS



**Colono e Motorista, vocês são as riquezas de nossa terra e orgulho da nossa região. Feliz 25 de Julho!!!**



**Colono & Motorista**

Símbolos de luta e trabalho!  
Que nossa nação valorize essas duas classes tão necessárias para o desenvolvimento do país.



advogados

**B Berwanger**

CAB/RS 1227

www.berwangeradvogados.adv.br

Banco de Imagens/GS



**6** Esses fatos marcaram a primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul e o contexto em que se deram merece algumas reflexões.

Havia a necessidade do governo, na época da independência e mesmo antes, de criar uma classe média na estrutura social brasileira, então formada pela aristocracia escravista de um lado e pelos sem posses de outro. Uma classe média que deveria ser capaz de desenvolver a policultura, tão necessária ao abastecimento das cidades em expansão e dos exércitos em campanha.

**7** Essa preocupação já se fazia presente mesmo antes da vinda da corte portuguesa para o Brasil. Pombal manifestou essa intenção ao tentar criar colônias de açorianos, nos extremos norte e sul do Brasil, para a formação de uma classe média econômica e socialmente independente dos latifundiários. Contudo, o espírito dominante e o desprezo ao trabalho corporal, considerado humilhante para o homem branco, contagiou em breve todos os imigrantes açorianos e estrangeiros, conduzindo-os ou à ociosidade ou ao emprego de escravos.

**8** Dom João, em 1808, tinha como intenções o aumento considerável da população para promoção da riqueza e da prosperidade do sul do país e a defesa das fronteiras em tempo de guerra.

**9** A partir de 1810, manifestou-se, mais claramente, uma nova preocupação: o suprimento de braços para a economia, que urgia ser repensado diante das pressões inglesas. Em março de 1809, a Inglaterra, ansiosa por novos mercados para suas manufaturas, aboliu o tráfico de africanos para todos os seus súditos e colônias e passou a pressionar seus aliados para que adotassem medidas semelhantes. O sistema escravista vigente no Brasil consistia em um sério obstáculo à expansão inglesa. Nesta forma de trabalho, o escravizado era privado de poder aquisitivo, o que limitava a expansão do mercado para as mercadorias inglesas. A Inglaterra tinha interesse em aumentar seu mercado consumidor e, para isso, era imprescindível que se abolisse a escravidão. Diante disso, Portugal, durante as guerras napoleônicas, inteiramente dependente da potência inglesa, viu-se obrigado, pelo tratado de amizade e comércio assinado em 19 de fevereiro de 1810, a condenar por princípio o tráfico e limitá-lo ao sul do Equador. Em 1817, Portugal assinou uma nova convenção com a Inglaterra, em que era prevista a completa extinção do tráfico negreiro e estipulada a mútua investigação de seu cumprimento.

**10** Com a independência, o Brasil, necessitado do apoio inglês, reconheceu os tratados e as convenções celebrados por Portugal em nova convenção assinada em 23 de novembro de 1826, ratificada em 13 de março de 1827, na qual se previa a proibição completa do tráfico de escravizados, a partir de 13 de março de 1830. Um decreto imperial de novembro de 1831 previa castigos aos transgressores da proibição e liberdade dos escravizados contrabandeados. Finalmente, outro decreto, de 12 de abril de 1832, ordenava a execução obrigatória dessas leis. Todo esse aparato judicial não passou de letra morta, apesar das constantes e insistentes pressões inglesas, que acabaram produzindo resultado somente em 1850, com a radicalização provocada pela chamada *Aberdeen Act* (de 8 de agosto de 1845, com este nome em homenagem ao ministro inglês de relações exteriores Lord Aberdeen) ou *Slave Trade Suppression Act*, promulgada pela Inglaterra, proibindo o tráfico de escravizados africanos.

25 DE JULHO - DIA DO COLONO E MOTORISTA

CENBAS

Vidas que

CULTIVAM

E MOVEM

a nossa terra

Nessa data celebramos o Dia do Colono e Motorista, pessoas que cultivam o futuro de nossas terras e de profissionais que conectam vidas e levam alimentos, produtos, saúde e segurança para todos.



MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL

# 200 anos de **imigração**

*Em 2024, completam-se 200 anos da chegada dos primeiros imigrantes germânicos ao Rio Grande do Sul. Além das festividades culturais, data é motivo de reflexão*

**H**á alguns anos, começaram os preparativos para uma grande comemoração alusiva aos 200 anos da imigração alemã a serem comemorados em 2024 (veja mais nas páginas 16 e 17), portanto, daqui a dois anos. Além da produção cultural e da organização de festejos, não se pode esquecer dos motivos e da importância do que aconteceu.

E tudo começa a partir do conhecimento acerca dos conceitos envolvidos. “A compreensão do conceito de migrações – emigração, imigração, colonização – alemãs neste contexto em que se aproximam os 200 anos da imigração no Brasil independente perpassa o entendimento de que a etnicidade associada aos movimentos humanos de diversas culturas contribui para a elaboração de categorias, conceitos, narrativas, expressões materiais e imateriais, que emergem de um contexto sócio-histórico-geográfico-cultural, extrapolando

a concepção de ‘imigração e colonização alemã’ tradicionalmente associada como espaço sociocultural de identidade, que não raro particulariza e discrimina outras referências memoriais, históricas, sociais e culturais relacionadas a migrações, diásporas e deslocamentos que caracterizam a própria condição humana, quando entendida em sua complexidade”, sublinha Jorge Cunha.

Essa compreensão de migrações, segundo ele, a partir da especificidade dos “200 anos das migrações alemãs para o Brasil”, apenas parcial e limitadamente presente na produção de pesquisa no campo das ciências sociais e humanas, de modo especial na historiografia, necessita ser ampliada para um campo de possibilidades que dinamizem a ligação dos seres humanos com a própria criação e produção de sua cultura – condições de sua existência social e realizações coletivas diferenciadas e abertas para a diversidade, superando dicotomias.

## Saiba mais

A primeira fase da colonização com imigrantes não portugueses foi pautada pela expectativa da supressão do tráfico. Os grandes fazendeiros, mais capitalizados, compravam todos os escravizados que podiam, exatamente dos pequenos proprietários produtores de alimentos. O objetivo era manter a mão de obra disponível em suas propriedades. No Estado, ainda há marcas deste tempo em fazendas, como uma localizada na região da Porteira Sete, em Cachoeira do Sul.

## Quantos eram os imigrantes

Entre 1822 e o início da década de 1950, segundo as estatísticas brasileiras, cerca de 5 milhões de estrangeiros entraram como imigrantes no Brasil. O número de imigrantes alemães que se dirigiram naquele período para o Brasil é aparentemente pequeno – cerca de 255 mil, 5% do total. Contudo, a importância de sua participação na formação e no desenvolvimento, especialmente do sul do país, não pode ser ignorada. Os dados do censo brasileiro de 1940 fornecem uma indicação da expressividade de sua participação e de seus descendentes na sociedade brasileira: cerca de 650 mil brasileiros natos falavam habitualmente o alemão e cerca de 460 mil empregavam o italiano como principal língua de comunicação. A maior concentração desse contingente populacional encontrava-se, segundo o mesmo censo, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde, respectivamente, 400 mil e 180 mil brasileiros falavam alemão. Os números referentes aos de língua italiana também são importantes na comparação: 300 mil no Rio Grande do Sul e 96 mil em Santa Catarina.

f /lojzsuafubra/ @lojas.afubra afubra.com.br /afubravidéos

**Com os olhos no horizonte e os pés no chão, eles prosperam.**

Por eles, por nós e para o mundo.

25 de julho, Dia do Colono e Motorista.  
28 de julho, Dia do Agricultor.

 **afulra**



# Sonho realizado **em família**

*Ao optar por seguir os passos dos pais, jovem morador de Linha São Martinho descobriu as oportunidades de viver em uma região que se formou a partir da imigração alemã*

**E**m Linha São Martinho, distante cerca de 36 quilômetros da região central de Santa Cruz do Sul, fica o lar de **Gustavo e Alesandra Spengler**. O jovem casal construiu o imóvel a partir do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) intermediado pelo Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares, que contemplou 427 famílias em Santa Cruz, Sinimbu, Vale do Sol e Herveiras.

Para Spengler, a casa construída na propriedade onde vivem seus pais, **Eno e Lucila**, tem um significado todo especial. Mais do que o teto onde no futuro ele e a esposa pretendem ter um filho, representa uma conquista de seu trabalho na agricultura. "Acordamos cedo, por volta das 6 horas, tomamos café, tiramos leite e seguimos nas atividades da lavoura. É um trabalho que exige bastante, mas dá resultados", afirma.

Mas os resultados a que ele se refere são fruto de sua opção. Aos 31 anos, decidiu que permaneceria vivendo no interior. Nascido na região de Boa Vista, onde os pais moraram por algum tempo, Gustavo Spengler cresceu vendo a família tirar o sustento da terra. Para ele, a colônia tem um sentido muito especial. "Aqui é só trabalhar que os resultados aparecem", orgulha-se. No seu caso, além da produção de leite para consumo próprio, milho, feijão, mandioca e batatinha, o tabaco é o carro-chefe da propriedade. Aliás, nesta época têm início o preparo e planejamento da próxima safra.

"Quando eu era mais jovem, pensei em largar tudo e ir viver na cidade.



Alencar da Rosa

Mas agora, depois de adulto, escolhi seguir no interior com a minha família e dar continuidade ao que eles sempre fizeram", afirma convicto. Seu irmão, Guilherme, decidiu não seguir na agricultura, mas nem por isso se afastou das origens e das tradições deste 25 de julho. Ele trabalha como motorista e também gosta muito do que faz.

## Para celebrar as conquistas

Quando fala de sua atividade na área onde viveram alguns dos primeiros imigrantes alemães, Gustavo Spengler ressalta a valorização das tradições. Ele conta que sua vida é tranquila na maioria do tempo. "Mas de vez em quando aparece algum problema para resolver", conta

o rapaz, que não abre mão de auxiliar os pais no cotidiano.

Diante dos imprevistos, o jovem agricultor procura manter a calma e buscar o melhor caminho possível. "Sempre temos como fazer algo melhor, mas precisamos trabalhar muito",

reforça. E foi esse trabalho que possibilitou a renda para a construção da casa com o apoio do sindicato. Segundo ele, há cerca de cinco ou seis anos, quando soube do programa de habitação, o primeiro passo foi reunir a documentação necessária e encaminhar o pedido. "Foi um

desafio, mas deu tudo certo", sintetiza.

E a superação também veio diante das conquistas. "No começo, eu não tinha quase nada. Com o tempo, fomos conseguindo melhorar de condição e comprar umas coisinhas para ter uma vida melhor", diz orgulhoso.

**Silureno Jeske**  
Transportador  
São Lourenço do Sul (RS)

**Gilmar Malue**  
Produtor  
São Lourenço do Sul (RS)

*25 de Julho*  
**DIA DO COLONO  
E MOTORISTA**

O tabaco brasileiro leva a marca da força e do trabalho de milhares de pessoas. Neste dia 25 de julho, nossa homenagem e gratidão a todos os produtores rurais, bem como a todos os motoristas, que diariamente cultivam e transportam o desenvolvimento do meio rural.

**utc  
Brasil**  
Member of **CNT**  
UTC BRASIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TABACO LTDA

[www.utcleaf.com.br](http://www.utcleaf.com.br)

**51 2106 1095**

# Um personagem **especial**

*O imigrante alemão e sua importância social fizeram a diferença na formação das comunidades do passado e ainda trazem reflexos nos dias de hoje*

O ano era 1824 e os primeiros imigrantes alemães desembarcavam no Rio Grande do Sul. Mais tarde, a partir de 1849, era a vez da Colônia de Santa Cruz receber 12 colonos de origem germânica. Esse pode ser considerado o marco para o início da formação do município, que hoje é uma referência em diferentes aspectos.

Os fatos históricos relacionados à imigração e seus personagens estão preservados de diversas formas, tanto em documentos e livros como em registros de famílias que guardam a lembrança de seus antepassados. Aos 78 anos, o professor Osvino Toillier, vice-presidente do Sinep-RS, é uma dessas pessoas que ajudam a preservar a memória dos imigrantes.

Ele é descendente de Robert Toillier, que fora contratado pelo Império para lutar contra Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rozas y López de Osornio, da Argentina, com compromisso de dois anos de serviço militar. Ao final, poderia optar por voltar para a Alemanha mediante passagem paga pelo governo brasileiro ou ganhar uma colônia de terras no país. A opção foi por ficar e, por isso, recebeu o lote 71, localizada hoje na localidade de Paredão, Alto Linha Santa Cruz, onde estão enterrados seus restos mortais.

A história faz o professor lembrar de alguns momentos especiais em sua trajetória, como foi o encontro



Acervo pessoal/Divulgação/GS

de descendentes da família realizado recentemente. Mas mais do que a confraternização, Osvino é muito zeloso com os aspectos históricos. Ele mantém documentos, **fotografias**, recortes de jornais, depoimentos e livros, tudo para reconstruir aspectos dos ancestrais. "São as 'joias da coroa', que tenho guardado com muito cuidado. Tenho particular apreço por estes documentos, talvez por terem sido confiados por pessoas que acreditavam que eu cuidaria deles para sempre. Tenho guardados como verdadeiras preciosidades, desde a foto do bisavô imigrante às famílias de seus descendentes", reconhece.

Ao analisar a trajetória familiar e pessoal, o professor destaca toda a contribuição dos imigrantes para a

atual sociedade. Segundo ele, trata-se de algo especial, pelos valores que transmite e pela história de vida. "Somente quando a gente se detém a analisar a biografia é que se compreende a grandeza de sua vida, a contribuição para a história da família. Ele merece ser reverenciado como personagem especial e respeitado como herói", afirma.

Um aspecto que destaca-se neste contexto fica por conta da valorização por parte dos mais novos. Para o Toillier, os imigrantes estão sendo gradativamente valorizados como heróis de um tempo que as jovens gerações estão acolhendo em sua história, prestando-lhes o devido respeito e gratidão. "Nenhum povo se faz pela sua própria história.

Cada povo bebe na cultura de outro tempo, inspira-se no exemplo dos antepassados e imita sua história. O tributo que as gerações de hoje prestam aos antepassados é um exemplo inspirador desta realidade", define.

E para preservar esses traços e marcas da imigração, não são poucas as manifestações de caráter cultural. As festas populares, como as que são realizadas por ocasião do 25 de julho, por exemplo, têm uma grande importância. "Eu curto muito isso e me emociono com o que observo. Tanto na cultura alemã, quanto italiana e de outros grupos de imigração, sem esquecer portuguesa e da cultura local, há vasto espaço para acolher e valorizar o legado dos imigrantes", sintetiza.

## É preciso preservar a memória do imigrante

Há poucos dias, uma situação deixou o professor Osvino Toillier bastante chateado. Os atos de vandalismo praticados em um cemitério de Rio Pardo, onde estão alguns dos seus antepassados, causaram-lhe "indignação e revolta". "Olhar para sepultura depredada é por demais triste, sem perspectivas de encontrar explicações para tamanha baixaria. Não há explicação

para quem executou tamanha barbaridade na calada da noite, pela primeira vez em mais de 40 anos, desde que meu pai está enterrado neste cemitério, em cuja sepultura também a cruz foi roubada", escreveu.

O sentimento do professor tem explicações por tudo o que representa em termos sentimentais e históricos. Com uma

inegável gratidão pelos feitos dos antepassados, ele reforça a importância dos valores que foram deixados e pelo exemplo que a todos inspira. "Enfim, ao olhar para nossa terra, deve emocionarmos o patrimônio que nos deixaram. Dorme no silêncio das idades um legado silencioso pelo qual temos de ter respeito e admiração. E reverenciá-lo como panteão de nossa memória."

## 25 de Julho

Hoje é festa na cidade porque Colono e Motorista fazem com que a nossa vida seja próspera, cheia de sabor e rica de oportunidades. Para economia, vocês são essenciais. Para os trabalhadores da cidade, inspiração.



SINDICATO DOS TRABALHADORES  
NAS INDÚSTRIAS DO FUMO E ALIMENTAÇÃO  
DE SANTA CRUZ DO SUL E REGIÃO

Viva o 25 de Julho, Viva Colono e Motorista!

Mais do que homenagear,  
agradecemos a cada  
profissional que dedica sua  
vida para semear  
os frutos do desenvolvimento  
e conduzir ao futuro.  
Nosso muito obrigado.

**Parabéns  
Colono e Motorista!**

98430-0158

3713-1006 | 3715-6357

comercialderolamentos rolafrantz

Travessa Érico Veríssimo, 156



## Legado para todos

A imigração de um modo geral contribuiu para estimular o desenvolvimento em diferentes áreas. E em Santa Cruz do Sul não foi diferente, especialmente graças ao fortalecimento da agricultura, que movimentou uma importante cadeia industrial. Mas teve muito mais, como se vê diante da análise acerca da indústria e dos serviços, como é o caso da educação. Tudo isso, analisa o professor **Osvino Toillier**, contribuiu para a cidade prosperar.

E em sua trajetória de vida, a educação é uma grande responsável por uma mudança de realidade. Nascido no interior, ele viveu com os pais até os 15 anos, quando foi para o internato do Colégio Mauá com auxílio de uma bolsa de estudos do governo do Estado, que havia sido pleiteada por líderes da comunidade em razão de seus bons resultados no primário. "Esta foi a primeira grande ruptura da minha vida. Foi muito difícil para minha mãe, especialmente, abrir mão da primeira força de trabalho na lavoura, já que meu pai era um homem doente, muitas vezes hospitalizado", conta.

Mas foi nas salas de aula do



Divulgação/CS

internato que ele transferiu toda a seriedade e dedicação que poderia ter e logo veio o reconhecimento dos professores. Tanto que obteve o primeiro lugar e a melhor média durante todo o Ginásio, com 9,25 pontos. Depois, ao cursar Técnico em Contabilidade à noite, podia trabalhar como auxiliar de cozinha e limpeza no internato. Mais tarde, com a ida ao serviço militar, Toillier afastou-se da escola, mas aceitou voltar a trabalhar no Mauá em 1964, em razão do vínculo afetivo que havia adquirido com o colégio.



Arquivo pessoal/Divulgação/CS

Formado em técnico contábil, depois foi cursar Letras em extensão da Universidade de Pelotas, em Bagé. Ainda acadêmico, começou a lecionar no Mauá e no Científico do Colégio Estadual Ernesto Alves de Oliveira. "Mas, em 1971, a direção do Colégio Mauá me convenceu para a dedicação exclusiva. Assumi a vice-direção do estabelecimento

e, a partir de 1974, juntamente com minha esposa Sylvania, a direção do Internato Feminino, até 1979, quando assumiria a direção-geral do Colégio Mauá em razão da aposentadoria do diretor Hardy Elmiro Martin, o grande benfeitor de minha vida. Ele se dedicaria ao Museu do Colégio Mauá e ao Arquivo Histórico", recorda Toillier.

Com o sentimento de gratidão ao Colégio Mauá e tudo o que este representou em sua vida, o professor Osvino destaca a importância da educação. "A gente vivia e respirava 'educação'. E dia e noite, e onde se estivesse, a gente estava no meio da educação", diz. E tudo isso foi o que possibilitou seu avanço e mudança de realidade.

**NESSA CULTURA,**  
*criamos nossas raízes.*  
**NESSE CHÃO,**  
**VAMOS MAIS LONGE.**

Seguindo nossas diretrizes de ESG, compartilhamos práticas de meio ambiente, sociais e de governança junto aos nossos produtores integrados e transportadores.

Mais do que manter a excelência na cultura, vamos ainda mais longe: juntos construímos um mundo melhor.

**Parabéns a produtores e transportadores pelo seu dia!**

25 de julho - Dia do Colono e Motorista



Guilherme

**AllianceOne**

# Doce tradição

Moradores de Rio Pardinho descobriram há 25 anos como a produção de cana-de-açúcar e o melado podem se tornar uma fonte de renda

**A**s heranças culturais dos imigrantes envolvem diferentes aspectos e costumes. Alguns deles, em razão das transformações sociais, acabaram ficando na memória das famílias. Outros, porém, seguem muito presentes no cotidiano dos moradores do meio rural.

Em alguns casos, uma tradição se reflete em outra, proporcionando uma espécie de continuidade. É o que acontece, por exemplo, na propriedade da família Hirsch, moradora de Rio Pardinho. Lá o patriarca Ildo, de 65 anos, dedicou-se, assim como seus antepassados, à agricultura e à pecuária. No entanto, nunca produziu tabaco. Na lavoura, criava animais e produzia grãos como a soja. Com o tempo, contudo, viu que poderia ter outras possibilidades a partir da diversificação.

Foi nesse contexto, juntamente com a esposa, Lisane, 62, que seu Hirsch passou a plantar cana-de-açúcar para fazer melado, um alimento muito consumido no Nordeste, assim como em outras regiões brasileiras e do mundo. Também conhecido como mel de engenho, o produto é versátil. Pode ser consumido puro, passado no pão, utilizado na culinária e até na medicina popular.

Para as famílias do meio rural do Vale do Rio Pardo, que são descendentes de imigrantes alemães, o melado é uma tradição. Não se tem ao certo registros de quando se popularizou, mas é conhecido há bastante tempo. E foi diante disso que Ildo Hirsch passou a investir na atividade com caráter comercial. Primeiro fazia, com poucos recursos, para vender em feiras rurais ou nas comunidades. Mas há 25 anos aconteceu algo que mudou sua trajetória. A receita, ele havia aprendido com um padrinho que fazia e lhe deu algumas orientações. "Foi



Fotos: Rafaelly Machado

aos poucos que passamos a fazer e depois aprimoramos a técnica", conta.

Ao atender um cliente que atuava como fiscal da área sanitária, porém, tudo começou a mudar. Naquela época, Hirsch e a esposa não dispunham de tecnologias suficientes e a atividade era desempenhada de forma um tanto limitada. "Lembro que ele – o cliente – disse que eu deveria me registrar para evitar problemas com a fiscalização", conta. Aos poucos foi buscando orientações sobre o produto que, por mais popular que fosse, não dispunha de um guia com normas técnicas. Pesquisas e conversas com quem fazia foram importantes, assim como a orientação de órgãos ligados à saúde.

O resultado foi que, superadas as etapas burocráticas, Ildo e Lisane Hirsch lançaram a Agroindústria de Melados Hirschen, a primeira do gênero no Rio Grande do Sul. O nome sofreu uma variação por questões de registro de marca, com o acréscimo do 'en' no final para garantir exclusividade. Nesses 25 anos, o casal ampliou três vezes a sua capacidade de produção, investiu em maquinários e tecnologias para agilizar e qualificar os processos.

Nessa trajetória, o filho Teri Luis e sua esposa Aline também passaram a fazer parte da agroindústria. O outro filho, Telmo, também se dedica a atividade semelhante, mas em outro empreendimento. "Começamos aos poucos e fomos crescendo", diz orgulhoso o patriarca.

## Futuro

Quando olham para a trajetória de 25 anos diante da agroindústria, os patriarcas não escondem a emoção por ter construído um empreendimento que é conhecido por seus diferenciais. Eles mostram a propriedade, os pavilhões que são destinados para a produção e os cuidados que adotam para manter a pureza. Tudo é feito em uma área coberta e fechada para evitar a entrada de animais ou insetos.

Em poucos dias deve chegar um novo triturador para cana, a fim de agilizar o processo. A preocupação com o meio ambiente também existe, tanto que a palha resultante da moagem acaba voltando para a lavoura em forma de adubo. Há ainda os batedores elétricos superpotentes que ajudam a dar a textura ideal para o melado e o triturador do açúcar mascavo.

"Tudo isso para seguir em frente e cada vez melhor", afirma dona Lisane. E Teri e a Aline confirmam. Casados há cinco anos, eles sabem que, por mais desafiadora que possa ser a vida no meio rural, ainda há oportunidades que eles dificilmente teriam caso tivessem optado por viver na cidade.

## Tudo começa na lavoura

Desde que lançaram sua agroindústria, os Hirsch sabiam que era necessário manter um padrão de qualidade naquilo que iriam entregar aos clientes. Além dos equipamentos, a receita da família tem um diferencial: a matéria-prima utilizada.

Para isso, quem entra em ação é Teri. Ele é o responsável pelo cultivo dos cerca de 6 hectares ocupados com a cana-de-açúcar. São duas variedades, uma destinada ao melado e outra à produção de açúcar mascavo. "O nosso diferencial está na cana. Temos que saber cuidar da plantação e isso inclui o solo, posição solar e até o modo de cultivo. A forma de fazer é parecida com as dos demais, mas a matéria-prima tem que ser de qualidade", ensina Teri, que também possui uma área de eucaliptos para assegurar a lenha que alimenta as caldeiras.

O resultado da dedicação à lavoura de cana é conhecido em mais de 70 pontos de venda instalados em Santa Cruz do Sul, Vera Cruz, Vale do Sol e Venâncio Aires. Disponível em potes com diferentes tamanhos, o melado de cor dourada e textura suave tem grande aceitação por parte dos clientes. São em média 1,7 mil quilos da delícia produzidos por mês. O período mais intenso é de abril a setembro. "Se tivesse produção, poderia até ampliar", ressalta Teri. "Mas sabemos que os clientes estão satisfeitos", complementa o pai.

A experiência da família, inclusive, costuma ser compartilhada. Segundo Ildo, pelo menos seis vizinhos aprenderam com ele a dominar as técnicas de preparo de melado e instalaram suas agroindústrias na mesma região. "Aqui um ajuda o outro. Estamos criando a 'capital do melado'", afirma otimista.



25 DE JULHO - DIA DO COLONO E MOTORISTA

*No dia a dia, semeando trabalho, colhendo desenvolvimento!*

SANTO DOS TRABALHADORES AGRICULTORES FAMILIARES  
SANTA CRUZ DO SUL - SINIMBU  
VALE DO SOL - HERVEIRAS  
FETAG-RS

*Não fique só, fique sócio do STR*

Ramiro Barcelos 1044 - Fones: 2109-1513 | 2109-1514

O progresso da nossa terra nas mãos de quem faz!

25 DE JULHO Dia do Colono e Motorista

Sua dedicação semeia o desenvolvimento da nossa região e conduz o nosso futuro aos melhores destinos.

MW BATERIAS

# As muitas riquezas que são produzidas no campo

*Uma das associações mais usuais aos colonos é a do trabalho na agricultura, que contribui para levar alimento à mesa das famílias ou abastecer a indústria, como é o caso do tabaco*

**Potiara Cremonese**  
Atendente de farmácia  
Especial para a Gazeta do Sul

**S**omos um país de colonização, em 1924 completaram-se 100 anos da chegada dos primeiros imigrantes no nosso Estado, e a partir daí se comemora o dia do colono.

Não dá para falar de colono sem citar a agricultura familiar, base econômica em 90% dos municípios com população de até 10 mil habitantes. Em sua maioria, em pequenas áreas de cultivo e com mão de obra essencial, membros de suas famílias. Mesmo em propriedades menores, esse tipo de agricultura é responsável por 70% dos alimentos que consumimos, e vem nos garantindo, já que os grandes produtores do agro dedicam as colheitas em grande maioria à exportação. Além dos

municípios menores, a agricultura familiar continua viva no interior das cidades, garantindo abastecimento de supermercados e proporcionando alimentos de qualidade nas feiras rurais, de maneira a garantir seu sustento e a permanência de jovens na agricultura.

As produções agrícolas movimentam a economia das cidades e do País, e têm o transporte garantido por motoristas que asseguram a distribuição das safras em todos os cantos do Brasil. E também são homenageados neste mesmo dia.

É imensurável a importância da agricultura familiar para a economia e, claro, para nossa sobrevivência. Afinal a vida na cidade depende do campo, mas além dos fatores econômicos há outros, que devem ser lembrados. Nascer e crescer no campo, na colônia, na roça, como preferir chamar, é um privilégio, uma

escola para a vida toda.

O trabalho no campo não é fácil, é um trabalho duro que exige dedicação, tempo, delicadeza, e não há tempo ruim. Faça chuva ou faça sol, no calor e nos dias mais frios é preciso estar lá, na lavoura, no trato ao animal, no preparo da terra, semear, do plantio até a colheita. Viver na colônia não se limita ao trabalho, há muitas outras riquezas que só ela proporciona, coisas que só quem vive ou já viveu no campo sabe.

Acordar antes do galo cantar, deparar-se com a natureza plena até onde os olhos podem alcançar. O ar mais puro, a água mais limpa, o canto dos pássaros em sintonia parecendo orquestrar.

Colônia, um lugar onde aprendemos a importância de preservar, o lugar em que se vive, o meio ambiente, a terra que se planta.

Aprendemos que cuidar da terra

**“ Na roça eu nasci,  
Na roça me criei;  
E tudo que lá aprendi,  
Eu jamais esquecerei  
Por circunstâncias lá não  
permaneci  
Mas um dia se Deus  
permitir,  
Para lá eu voltarei.**

é terapia, acalma e tranquiliza.

Aprendemos que além de garantir a sobrevivência, o colher traz prazer. Plantar o que se come, comer a fruta ainda no pé.

Entre tantas riquezas que os colonos nos proporcionam, a maior delas é a simplicidade, o orgulho de ser quem é, não esquecendo jamais das suas raízes.

Reconhecer a todos esses trabalhadores é a melhor forma de agradecer-los por continuarem semeando a agricultura, e mantendo viva uma profissão tão importante para todos nós.

Um merecido reconhecimento a quem produz e a quem transporta o desenvolvimento do nosso país.

Parabéns, Colonos e Motoristas.

A produção e o transporte das riquezas da nossa região, assim como o desenvolvimento do campo e da cidade, só são possíveis pela dedicação e esforço diário dos colonos e motoristas.

25/07 - Dia do Colono e Motorista

Uma homenagem

  
**Universal**  
UNIVERSAL LEAF TABACOS



# Experiência compartilhada

*Estudante alemã veio a Santa Cruz do Sul, conheceu e se impressionou com a realidade educacional do município, tanto na rede privada quanto pública*

Entre os imigrantes que chegaram ao Brasil em 1824 e à colônia de Santa Cruz a partir de dezembro de 1849, uma das primeiras necessidades foi proporcionar educação aos filhos. Afinal, além de conhecer o idioma da terra nova, era preciso aprender para seguir em frente.

Se no passado esse sentimento deu origem às primeiras escolas comunitárias, nos dias de hoje, em um mundo hiperconectado, estudar e conhecer coisas novas segue como algo indispensável para as atuais gerações. E no futuro não será diferente, pois o conhecimento é o passaporte para o desenvolvimento, independentemente da atividade profissional a ser desempenhada.

Foi isso que trouxe a jovem alemã **Marie Kneilmann** a Santa Cruz do Sul. Natural de Osnabrück, no Norte da Alemanha, aos 19 anos ela se prepara para cursar Medicina na universidade. Antes, porém, resolveu dedicar um ano após a conclusão do ensino regular para viver novas experiências culturais. Além do Rio Grande do Sul, ela vai passar por Manaus, Uruguai e Nova York.

O fato de conhecer uma região de colonização alemã deixou Marie impressionada. Primeiro, ela não imaginava que encontraria cidades tão

bem organizadas, como Santa Cruz. E, segundo, a jovem viu que existe um outro Brasil além do estereótipo do samba, futebol e florestas. Da terra da Oktoberfest Marie já tinha referências, pois conhece uma santa-cruzense que estuda em sua cidade. Porém, as ruas largas e arborizadas, as construções e as belezas arquitetônicas lhe causaram surpresa.

“Fiquei impressionada com a cidade. Tem um ar muito europeu e percebi que existe modernidade, bem ao contrário daquilo que costumamos ouvir falar fora do Brasil. Vi que existem coisas muito parecidas com o que tem na minha cidade”, ressaltou. Sobre os prédios, ela contou que na cidade natal há muitas edificações centenárias. A casa onde vivem seus avós tem mais de 200 anos, revelou.

Mas foi a educação local que a surpreendeu. Depois de visitar o Colégio Mauá no último dia 13, acompanhada de professores, ela foi até a Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, no Bairro Ana Nery. Lá, foi recepcionada pela diretora Carla Kroth e a vice Carine Parnow, juntamente com a professora Luciani Vogt. Falando em alemão, a jovem compartilhou suas experiências com alunos brasileiros que também estudam o idioma. A escola Duque tem a disciplina no currículo.



Marie contou aos colegas que todos seus estudos foram em escola pública e que, com a universidade, não será diferente. Ela incentivou todos a perseguirem seus objetivos e aproveitarem as oportunidades.

A mensagem foi em meio a elogios para o que a escola oferece. Em uma das salas com tela interativa – são seis na escola –, Marie acessou imagens da sua terra, mostrou fotos e ainda apresentou a futura universidade. Ao final, disse que por melhor que a

rede pública alemã seja, não dispõe de tanta tecnologia.

Para Marie Kneilmann, ver o que existe em uma cidade formada a partir de imigrantes vindos da Alemanha foi uma experiência muito enriquecedora. Isso porque permitiu que ela entendesse, quase dois séculos depois, que o processo iniciado muito antes trouxe resultados e está contribuindo para a formação de novas gerações de estudantes e futuros profissionais.

## Arroz, feijão e cuca

A educação e as vivências marcaram a vinda de Marie Kneilmann a Santa Cruz. Depois de compartilhar aspectos ligados ao seu país, ela também ouviu dos alunos e professores algumas questões.

Uma delas estava relacionada à comida. A jovem, que pretende se dedicar à Neurologia, contou que gostou da comida local e elogiou a combinação de arroz com feijão. E a cuca? Segundo ela, a santa-cruzense é boa, mas a alemã genuína é especial.

O fato de estar em uma terra de descendentes de imigrantes também marcou a sua viagem. A Catedral São João Batista foi muito elogiada em razão de sua imponência e conservação. Segundo Marie, na sua terra existem construções com estilo parecido, o que ajuda a reforçar a conexão entre os dois lugares.



## Colono e Motorista

*O futuro na mão de quem faz!*



# Sucessão com **diversificação**

*A propriedade em Linha Arlindo, interior de Venâncio Aires, conta com tabaco como tradição, mas passa a ter outras opções como incremento de renda*

O venâncio-airesense **Thales Lopes Padilha Baierle**, de 26 anos, optou pelo campo para viver e progredir. Filho do agricultor Gilmar Luís Baierle, 49 anos, ele escolheu fazer a sucessão e lidera a produção de tabaco da família, atualmente em 160 mil pés, na propriedade de 8 hectares em Linha Arlindo, interior de Venâncio Aires. "Sempre gostei da lida da roça e do trabalho ao ar livre. Até trabalhei na cidade, mas escolhi ficar no campo e seguir com a produção", enfatiza ele.

A opção pelo cultivo de tabaco segue os passos do pai, produtor há mais de 20 anos. Além da área própria, também planta em outros sete hectares arrendados, contando com mão de obra familiar e contratada em época de colheita. Nas últimas quatro safras, é registrado como produtor integrado à UTC Brasil, tendo a con-

sultoria técnica do orientador agrícola **Ricardo Stein**.

Graças ao cultivo do tabaco, a propriedade prospera e se diversifica. A família vive a expectativa da instalação de duas estruturas para criação de 90 mil aves, prevista para ser concluída até o final de 2023. "Mas seguiremos plantando tabaco como carro-chefe, que é fundamental para a sustentabilidade da propriedade", garante Thales.

Desde abril de 2022, a família de Thales também ganhou um novo lar. Uma casa nova e confortável foi construída em posição estratégica na propriedade, com vista para a lavoura e para o aviário. "Estamos satisfeitos com o resultado da safra deste ano e otimistas com o futuro, tanto com a produção de tabaco quanto com a criação de frangos", frisa o produtor, que já tem as mudas da próxima safra em ponto de plantio.



Junio Nunes/Divulgação/GS

## Família

Casado com Marilene da Silva dos Santos, 40, é pai de Thalia Maiara Padilha, de 7 anos, e padrasto de Bruno dos Santos, 14. A pequena é estudante do 2º ano, enquanto o jovem cursa o 8º ano, ambos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Pedro Benno Bohn, de Vila Arlindo. Dos três filhos de Gilmar, apenas Thales permaneceu no meio rural: a irmã Thais, 24 anos, é bancária e mora em Erechim, enquanto a caçula Michele é estudante de Odontologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

Nossa mais sincera homenagem a todos os homens e mulheres que fazem brotar da terra e conduzem o progresso de uma nação!!

25 de julho - **Dia do Colono e Motorista**



**AGRO COMERCIAL  
KIST & HEEMANN**  
COMÉRCIO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Santa Cruz (Matriz): Rua Sen. Pinheiro Machado, 1133 Fones: 3711-3434 | 3713-3213 e-mail: [agrokist@agrokist.com.br](mailto:agrokist@agrokist.com.br)

Vera Cruz (Filial): RSC 287 km 109 Fones: 3718-3869 | 3718-3857 e-mail: [veracruz@agrokist.com.br](mailto:veracruz@agrokist.com.br)

# Juntos na luta pelo novo país

*Os imigrantes contribuíram, e muito, para a plena independência do Brasil, em 1822 e nos anos seguintes, e seguiram comemorando com gosto por essa autonomia, pela qual trabalharam*

**S**e em 2024 o Brasil comemora os 200 anos desde o início da colonização alemã no Rio Grande do Sul, com as primeiras famílias tendo se fixado na atual São Leopoldo, ainda em 2022 um outro bicentenário merecerá muitos festejos: o da própria independência do País em relação a Portugal, em 7 de setembro de 1822. Essas duas circunstâncias distam menos de dois anos uma da outra, e isso não é uma mera casualidade.

O gesto de Dom Pedro, de declarar a independência, deve muito à ação e aos ensejos feitos por sua esposa, a princesa Leopoldina, que logo adiante se tornaria a primeira imperatriz brasileira. Como filha de Francisco I, da Áustria, chegara ao Rio de Janeiro para a Corte portuguesa de Dom João VI, em 1817, para o casamento com Dom Pedro, unindo as casas dos Habsburgo e dos Bragança. Mal Dom João VI havia retornado a Lisboa, e o cenário conflituoso tanto no Brasil quanto em Portugal, que queria fazer o primeiro voltar à condição de mera colônia, exigia um rápido posicionamento da população e também de Dom Pedro.



Descendentes de alemães festejam em 1922 o centenário da independência do Brasil, para a qual muitos germânicos colaboraram

Este viajava por São Paulo quando, após reuniões na Corte, no Rio, Dona Leopoldina de lá enviou uma carta ao marido. Pedia que ele dedicasse o mais rapidamente a independência, antes mesmo de retornar. E assim Dom Pedro o fez.

Sem um exército constituído em condições de defender a nova pátria, ou de ajudar a impor a ordem num ambiente tenso, mais uma vez Dona Leopoldina e outros líderes incentivaram Dom Pedro a solicitar a contratação de alemães, para compor um grupo de mercenários. Por ação de José Bonifácio de Andrada e Silva, e ainda do agente Georg Anton von Schafer, efetivamente germânicos chegaram para assumir essa condi-

ção, os chamados mercenários do imperador.

Porém, mais do que apenas constituir um Exército, a preocupação de Dona Leopoldina e José Bonifácio era também trazer força de trabalho. Em uma economia ainda totalmente apoiada em escravos, quando a escravatura vinha sendo condenada em âmbito mundial, era o momento de permitir que trabalhadores livres, de diferentes nacionalidades, pudessem se estabelecer nas regiões pouco povoadas, a exemplo do Sul do País, e também no Sudeste e no Nordeste.

Foi assim que, ao lado dos mercenários, começaram a chegar as primeiras famílias de imigrantes

germânicos para experiências de colonização com pequenas áreas de terra. São Leopoldo foi a primeira dessas colônias a logo progredir, em boa parte graças à proximidade com Porto Alegre, que absorvia os produtos agrícolas escoados a partir das plantações. Mas logo, com a chegada de novas levas, mais colônias foram surgindo no Vale do Caí, do Taquari, do Rio Pardo e do Jacuí. Santa Cruz, fundada em 1849, integrou a segunda fase da colonização, ao lado de Colônia de Santo Ângelo, a atual Agudo. Essas novas localidades já se apoiaram fortemente em uma cultura que logo mostrou ampla adaptação a essa realidade: as lavouras de tabaco.

## Agricultura, indústria, cultura e muito mais

Se a ampla maioria das famílias de imigrantes alemães veio para se fixar em pequenas áreas de terra, tornando-se agricultores, produtores de alimentos e de matérias-primas, nem por isso deixaram de vir às colônias pessoas com outras habilidades ou especialidades. Uma das características mais revolucionárias dessas correntes migratórias foi a imediata autossuficiência das localidades em termos de serviços. Ainda que a religião oficial no Brasil fosse a católica, entre os colonizadores vieram em grande maioria protestantes, que passaram a celebrar na nova terra a sua fé, também cristã, mas luterana. Assim, igrejas católicas e mais tarde quando admitidas, evangélicas luteranas surgiram na paisagem tanto nas cidades quanto no interior.

Nos primórdios, não raro os locais onde os colonos rezavam eram também os mesmos em que seus filhos iam para estudar, e com professor contratado pela comunidade. O professor, dessa forma, transformava-se em um líder para todas as situações em que as famílias precisassem de apoio espiritual e de defesa de seus interesses. A abertura das estradas de escoamento ou acesso a outros povoadamentos, inclusive as cidades maiores da região; o transporte, a construção de pontes ou de centros comunitários, tudo era feito de forma coletiva. E o espírito de união se estabeleceu de tal modo que a forma cooperativa de produção e comercialização, bem como de auferir crédito, deu amplo impulso a essas comunidades de colonização germânica.

Mais do que produzir alimentos e matérias-primas, as colônias alemãs logo viram surgir as primeiras indústrias de transformação, que agregaram valor aos produtos para exportação a outras regiões do Brasil e inclusive para o exterior. Em colônias como a de Santa Cruz, a industrialização avançou de modo muito rápido e consolidou a economia local, a tal ponto que a localidade surgida a partir da imigração, em 1849, apenas 28 anos depois já alcançava sua emancipação em relação a Rio Pardo, o município-mãe.

Com a agricultura e a indústria, as tradições foram se estabelecendo, e no caso de Santa Cruz cristalizaram-se na Oktoberfest, a maior festa alemã do Rio Grande do Sul. Culinária, música, danças, bebidas, esportes, muitos outros elementos trazidos por essa etnia chegaram ao século 21.



# Projeto rumo aos **200 anos**

Divulgação/GS



Novo prédio construído pela Companhia de Fumos de Santa Cruz, no início do século 20

*Gazeta do Sul vai produzir a partir de agosto ampla série com conteúdos para resgatar os fatos e os personagens mais importantes associados à colonização alemã no Brasil*

O bicentenário da colonização alemã no Brasil será comemorado em 2024, mas a **Gazeta do Sul** e outras plataformas da **Gazeta** vão se antecipar de forma significativa no resgate de memórias e de fatos associados a essa imigração. Já a partir de agosto, em uma série que se estenderá ao longo dos próximos dois anos, a empresa vai desenvolver o projeto *Rumo aos 200*, que tem por propósito ouvir especialistas, historiadores e lideranças sobre todos os temas associados à colonização germânica e à atuação de seus descendentes no País.

Com inserções semanais, essa série buscará fazer uma revisão bibliográfica, referindo as principais obras dedicadas à história e à memória da imigração em todas as regiões nacionais, com ênfase nas contribuições dos gaúchos, e em especial as

associadas a Santa Cruz do Sul e às localidades vizinhas. Por outro lado, envolverá entrevistas exclusivas com escritores, pesquisadores, historiadores e personalidades relevantes nas mais diversas áreas da sociedade, de todos os estados.

Entre as atividades produtivas e industriais, a relevância que alcançou o cultivo do tabaco em Santa Cruz do Sul, e desde os primeiros momentos da colônia, terá destaque. Em poucos anos, com a exportação das folhas, como matéria-prima, a colônia viu surgir as primeiras empresas de beneficiamento e também as cigareiras, que transformaram a cidade no maior polo mundial do tabaco, até os dias atuais.

Além disso, a série especial resgatará as inúmeras contribuições nos espaços de saber, da culinária às artes, ao esporte e à cultura; da educação à saúde, do universo político às comunicações sociais. Uma vez que, já próximo de comemorar 200 anos desde a chegada das primeiras famílias de alemães, a relação e a interlocução com a própria Alemanha seguem muito importantes, a **Gazeta** também ouvirá lideranças alemãs, da Embaixada e do Consulado.

A expectativa é a de contribuir para que, assim como ocorreu logo após a independência brasileira, novas pontes e laços entre o Brasil e a Alemanha se estabeleçam, agora e no futuro.

## Marca Gazeta

A **Gazeta do Sul** e outras unidades de conteúdo da **Gazeta Grupo de Comunicações** têm em seu histórico um profundo envolvimento com a elaboração de publicações especiais associadas à imigração alemã. Em 2004, por ocasião dos 180 anos da chegada dos primeiros colonizadores ao País, a **Gazeta** idealizou projeto que resultou no livro *Terra de bravos: Imigração alemã no Brasil 180 anos*, até hoje um livro de consulta recorrente junto a leitores dentro e fora do País. Na elaboração dessa obra, jornalistas e fotógrafos da **Gazeta** percorreram regiões para as quais houve imigração nos três estados do Sul, bem como Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, entrevistando descendentes, pesquisadores e especialistas. Agora, em preparação para os 200 anos da imigração, um amplo projeto será iniciado ainda em 2022.



## Parceria que desenvolve a produção REGIONAL e que tem expressão mundial

Reconhecemos o essencial trabalho de produtores e transportadores, parceiros comprometidos com a qualidade e integridade do tabaco brasileiro, com a sustentabilidade e com o desenvolvimento de toda região.

Junto do seu talento e dedicação nos firmamos como a maior exportadora de tabaco do Brasil para a China.

Parabéns pelo seu dia!  
25 de julho – Dia do Colono e Motorista



**China  
Brasil  
Tabacos**

cbt@cbtexport.com  
Rua Silveira Martins, 1733  
Venâncio Aires/RS/Brasil  
51 3793-4500

# Caminho **inverso**

Após deixar o campo para trás e ir até a cidade em busca de oportunidades, casual retorna às origens com mais conhecimento na bagagem

**J**air Breuning, 41 anos, nasceu no meio de agricultores. Neto e filho de produtores de tabaco, cresceu vendo a família tocar a produção na propriedade localizada na Linha Júlio de Castilhos, em Santa Cruz do Sul. Seus três irmãos, mais velhos do que ele, aos poucos foram deixando a lida no campo para morar na cidade. Aos 16 anos, com o pai, Eno Breuning, 71 anos, passando por alguns problemas de saúde e a mãe, Gisela Breuning, 70 anos, tendo que cuidar praticamente sozinha da propriedade e dos sogros, que estavam acamados, Jair deixou os estudos e assumiu o negócio da família.

Aos 23 anos se casou com **Sandra Breuning**, que no próximo dia 29 completa 36 anos. Ela, que também tinha experiência na agricultura, passou a dividir com ele as obrigações diárias. Mas o casal tinha um sonho. Eles acalentavam a vontade de morar e trabalhar na cidade. O primeiro passo foi a compra de uma casa. Juntaram as economias que ele vinha fazendo desde que começara a trabalhar com o valor da venda de um terreno com o qual Sandra havia sido presenteada pelos pais. A mudança para a nova casa, no Bairro Universitário, aconteceu em 2005.

Na cidade, Jair foi trabalhar como motorista em uma distribuidora de alimentos e Sandra como atendente



em uma padaria. Por dois anos, essa foi a rotina do casal. Mas a dedicação ao trabalho chamou a atenção do chefe de Jair: Razão que o levou ser convidado para administrar a propriedade de criação de gado de corte do patrão, em Cerro Alegre Baixo, também em Santa Cruz. Então, junto com Sandra, que também começou a trabalhar com ele, instalou-se no novo endereço, onde permaneceu por quatro anos. "Foi uma época de muito trabalho, mas de muito aprendizado também", afirma Jair. Além de novos conhecimentos, com as economias que fizeram enquanto estiveram na fazenda, compraram mais uma casa que, da mesma forma que a primeira, encontra-se locada, aumentando a renda do casal.

## De volta para casa

Durante esse período, os pais de Jair estavam sozinhos e ainda mantinham a lavoura de tabaco. "Comecei a perceber que a lida estava sacrificada para eles e pensei em alternativas para ajudá-los. Foi quando nós resolvemos voltar", lembra Jair.

Ele conta que, enquanto trabalhavam com gado de corte, tiveram oportunidade de conhecer pessoas que atuavam na produção de leite e que lhes passaram informações valiosas. "Eu sempre imaginei que, se um dia eu voltasse para a nossa antiga propriedade, seria para trabalhar com produção de alimento. E o leite foi a opção", complementa. E eles teriam que começar do zero, tanto em plantel como em equipamentos e experiência.

O ano era 2012. Venderam o carro para comprar dez novilhas e fizeram um financiamento para adquirir trator, sala de ordenha, mais algumas novilhas e um veículo utilitário. "Foi um começo difícil. Não tínhamos experiência nessa atividade. Passamos momentos mais complicados pela falta de conhecimento", conta Sandra. Mas aos poucos as coisas foram mudando. Dois anos após o início, entraram para uma cooperativa de leite e passaram a contar com assistência técnica, veterinários e incentivos para aderir a novas tecnologias. Jair também fez cursos que o ajudaram a crescer na atividade leiteira.

Há seis anos, a propriedade é certificada. No final deste ano, vai receber o atestado de livre de tuberculose e brucelose. E a produção com sustentabilidade também faz parte da rotina. Há três anos foram instaladas placas solares que garantem a energia e conseqüente economia; e há dois, o sistema de captação de água da chuva. Atualmente o plantel é de 54 cabeças de gado, entre novilhas, gado de leite e de corte. Tem agricultura para consumo próprio e continuam tocando, ao lado de Eno, uma área com tabaco.

O casal, que há sete anos foi abençoado com a primogênita Sofia Isabel e há um com a pequena Laura, se diz feliz e realizado com o rumo que deu para suas vidas. "Fizemos o caminho inverso, pois escolhemos voltar para o campo. Mas foi uma boa escolha. O sossego que temos aqui é único. Além disso, muitas facilidades estão à nossa disposição. Com o telefone e a internet, estamos próximos de tudo. E o melhor é que hoje tenho tempo para minha família", conclui Jair.



## Parabéns colonos e motoristas!

Mais que homenagear, a Câmara de Vereadores de Santa Cruz do Sul reconhece e agradece a cada um que se dedica a produzir e transportar as riquezas desta terra.



Acompanhe as redes sociais e o site do legislativo em: [www.camarasantacruz.rs.gov.br](http://www.camarasantacruz.rs.gov.br)

Participe também de forma presencial das sessões às segundas-feiras, a partir das 16 horas.

f /camaravereadorescs  
@camara\_santacruz

## Na colheita da vida, um dia para celebrar

**É** clichê e pouco original dizer que quem planta, colhe. No entanto, quando a vida profissional é dedicada ao plantio diário de alimentos e matérias-primas para nossas indústrias, quem planta merece mais do que uma colheita: precisa de uma salva de palmas, sempre. Nesse caso, quem faz do trabalho o plantar diário colhe esperança, fartura e desenvolvimento.

**É tempo de colher tudo aquilo que, diariamente, vocês cultivam por meio da dedicação, da renúncia a favor do outro, para que a colheita da vida seja sempre abundante.**

Nos últimos dois anos, acompanhamos um momento ímpar em nossa existência terrena. Fomos obrigados a ficar em casa, nos afastar do trabalho presencial e criar alternativas para trabalhar de forma remota. Houve desemprego, desespero e depressão. Foram incontáveis dificuldades que mexeram com o cotidiano de todos, sem distinção. Porém, no campo e na estrada, onde são cultivadas e transportadas as nossas riquezas da terra, mesmo em meio à dúvida e ao risco, não houve a possibilidade de parar.

Criaram-se, de fato, estratégias para diminuir o contato uns com os outros. Famílias rurais ficaram mais próximas, motoristas e caminhoneiros mais distantes dos seus. Todo mundo incorporando no-

vos métodos e cuidados com a saúde. Ainda assim, esses profissionais mantiveram nossa economia viva, garantiram a fartura na mesa e a esteira rodando na fábrica. Enquanto na cidade médicos, enfermeiros e profissionais da saúde foram nossos heróis, no campo e na estrada, produtores e motoristas transformaram-se em super-heróis, driblando as dificuldades para manter a nossa existência: vocês são demais!

Agora é tempo de celebrar em conjunto, novamente. Aos poucos, o mundo parece caminhar para uma normalidade meio diferente, o que, no tempo presente, convencionou-se chamar de “novo normal”. É a vida que brota da terra e traz a certeza de que precisamos seguir em frente, sempre. Na colheita da vida, é hora de comemorar.

A esses dois profissionais, o colono e o motorista, que em nossa Santa Cruz do Sul têm um dia de feriado, nossos honestos parabéns! Vocês se ariscaram no período mais crítico dos últimos tempos, porque todos nós precisávamos comer, trabalhar e viver. Vocês concentram a sabedoria milenar de renovar a cada nova estação o milagre da vida, arando a terra, cultivando sonhos e transportando a nossa prosperidade.

É tempo de colher tudo aquilo que, diariamente, vocês cultivam por meio da dedicação, da renúncia a favor do outro, para que a colheita da vida seja sempre abundante. Somos felizes em po-

Rafaelly Machado/Banco de Imagens/GS



der acompanhar essa trajetória banhada pelo suor de quem tem no trabalho o reconhecimento de profissões tão importantes para o desenvolvimento de todos nós.

Hoje é festa na cidade, sobretudo, porque colono e motorista existem e fazem com que a nossa vida seja próspera, cheia de sabor e rica de oportunidades. Para a indústria, vocês são essenciais; para os trabalhadores da indústria, inspiração. Viva o 25 de julho, viva colono e motorista!

**Gualter Baptista Júnior**

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Fumo e Alimentação de Santa Cruz do Sul e Região (Stifa)

## O QUE MAIS SE VÊ CAMPO AFORA:

*o orgulho!*

25 de julho - Feliz Dia do Colono e Motorista!

O trabalho comprometido de produtores e transportadores é motivo de orgulho para nós. No campo, os produtores dedicam-se para a qualidade, integridade e produtividade, utilizando boas práticas para preservar o meio ambiente e a saúde das pessoas. Na estrada, transportadores realizam o seu trabalho com muito comprometimento.

**A CTA PARABENIZA SEUS PARCEIROS FUNDAMENTAIS NO SEU DIA!**





## Parabéns, colonos e motoristas!

A agricultura é ampla, eclética e contempla todas as formas de atividade agropecuária, independentemente de seus sistemas de produção, sejam tradicionais ou específicos, com tecnologias e em larga escala – agronegócio e commodities e transgênicos, sejam de agricultura familiar, agroecologia ou produção orgânica.

A atuação de COLONOS para o desenvolvimento de diversas regiões e na produção de alimentos, matéria-prima para a indústria e geração de fontes renováveis de energia, e do MOTORISTA, que liga toda a cadeia produtiva, merecem a homenagem dos Engenheiros Agrônomos da AEAVARP neste dia 25 de julho.

## Balança comercial do agro registra exportações de US\$ 15,71 bi em junho

Com elevação do índice de preços em 28,5% comparado ao mesmo mês do ano anterior, as exportações brasileiras do setor agropecuário atingiram o valor recorde da série em junho de 2022: US\$ 15,71 bilhões (+31,2%). Também houve expansão de 2,1% no volume embarcado.

As importações de produtos do agronegócio foram de US\$ 1,53 bilhão (+19,8%), com alta de 17,9% dos preços médios e 1,6% do quantum importado. Os destaques de junho/2022 ficaram com as exportações recordes do complexo soja, carnes e café. Em todos os cenários, isso demonstra a importância da agricultura e do agronegócio para a economia.

### Soja

O complexo soja, principal setor exportador do agronegócio brasileiro, alcançou registros recordes de US\$ 8,06 bilhões em vendas externas para meses de junho (+31,9%), mesmo com queda do volume importado (-2,3%), em virtude do desempenho da soja em grãos.

Com menor produção de soja em grãos na América do Sul (Argentina e Brasil), e a guerra na Ucrânia (maior exportador mundial de farelo de girassol), a oferta de farelo para alimentação animal se reduziu no mundo, impactando os preços internacionais do produto brasileiro. O principal mercado importador de farelo de soja do Brasil foi a União Europeia.

### Carnes

As vendas externas de carnes, segundo setor mais importante em exportações, foram de US\$ 2,35 bilhões em junho de 2022 (+32,0%). Trata-se do maior valor mensal de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 1997. O valor foi obtido em função, principalmente, do incremento dos preços médios de exportação dos produtos do setor (+25,8%), embora com menor aumento de quantidade exportada (+4,9%).

A principal carne exportada é a carne bovina e o principal mercado importador é a China, que adquiriu 65,9% do valor exportado pelo Brasil em junho.

### Café

O setor cafeeiro exportou US\$ 788,74 milhões em junho de 2022 (+73,6%). As vendas externas de café verde foram de US\$ 721,50 milhões, valor recorde para meses de junho e que significou uma expansão de 76,7% comparado aos US\$ 408,32 milhões exportados em junho de 2021. Os principais mercados para onde o Brasil exportou café foram: União Europeia e Estados Unidos. O valor recorde exportado de café verde ocorreu devido à elevação de 70,3% no preço médio de exportação.

# Na direção, mas de **olho no caixa**

*Estevan Anton atua de forma autônoma. Então precisa pensar como empresário, registrando todas as receitas e despesas do dia a dia para garantir a estabilidade no fim do mês*



Marcelo Souza

**T**rabalhar como autônomo, a partir do registro como Microempreendedor Individual, foi a opção encontrada por **Estevan Anton**, 36 anos. E tem dado certo. Mas é preciso estar atento ao desempenho de caixa, cadastrar o que entra e o que sai para que não se gaste demais. Assim, tem conseguido se manter financeiramente, além de manter a satisfação de fazer o que gosta.

A atuação na área de transporte não começou atrás do volante. Seu primeiro emprego foi em uma empresa de logística em Araguari, Santa Catarina. A organização levava grãos para as áreas portuárias, o que fez com que ele passasse a conhecer estados como São Paulo e Paraná.

Em 2009, retornou para Santa Cruz do Sul, onde surgiu a oportu-

nidade como ajudante de carga e descarga em transportadora local. “Em três meses fui promovido. Depois, completando um ano de firma, passei a cuidar da logística de entrega”, recorda.

A evolução profissional não pararia por aí. Em 2017, Anton foi convidado a assumir uma das unidades, em Uruguaiana. Excelente para sua carreira, mas prejudicial para a saúde. Distante da família e dos amigos, adoeceu. Logo, acabou sendo afastado.

Vítima dos problemas econômicos decorrentes da pandemia, ele viu as chances de trabalho sumirem. A opção foi agir por conta própria e com o suporte da tecnologia. Tornou-se motorista por aplicativo. Depois de ver o transporte de grãos e muitas outras cargas, Anton passou a levar pessoas.

## Faz seu próprio horário

O trabalho autônomo faz com que o motorista escolha seu horário. Anton inicia às 6 horas e segue até por volta das 14h30. Depois de um descanso, às 17 horas retorna para mais uma etapa até as 20h30. No sábado, fica na ativa durante os períodos de maior fluxo.

**Toda essa movimentação faz com que percorra, em suas corridas, cerca de 4 mil quilômetros por mês. “Nossa vida é cíclica, cheguei até onde podia nas empresas em que trabalhei, agora, tenho disponibilidade de horários e prazer no que faço. Isso motiva a gente!”, resume.**

## Diferencial

No volante, Estevan Anton tem a percepção do empreendedor. “Atendimento de qualidade é fundamental, em especial, a pontualidade. Isso gera credibilidade”, afirma. Essa sensação é ampliada porque presta serviços para a empresa local Embarca Drive, o que permite maior aproximação dos condutores e dos clientes que utilizam seus serviços.

“Indiferentemente da plataforma, a qualidade é fundamental. Você é avaliado e a plataforma identifica e acompanha esse desempenho, além de orientar quando o motorista está se prontificando e utilizar o aplicativo”, conta. Os passageiros, claro, ficam atentos à questão dos valores, mas também querem ser bem atendidos.

Um dos diferenciais, que tem chamado a atenção de quem usa, é o baixo número de corridas canceladas por quem presta serviços à empresa local. “Quando é feita a solicitação, aparece onde a pessoa deve ser buscada, para onde vai e qual o valor, então só é aceito se atende nossa projeção. Isso evita os cancelamentos”, explica.



syngenta

# A realização de um sonho sobre duas rodas

*Motoboy Everton Henrique Silva de Oliveira percorre 150 quilômetros por dia para garantir a entrega de alimentos para os clientes de dois estabelecimentos comerciais*

A pandemia do coronavírus fez com que alguns hábitos fossem alterados. Um deles é a forma como garantir o alimento. O serviço delivery, que era uma tendência, transformou-se em necessidade. Bom para as famílias, que puderam receber seus pedidos em casa; ótimo para os motoboys e muitos que perderam o emprego formal.

O levantamento Consumo Online no Brasil, realizado pela agência Edelman, mostra que entre os pedidos feitos, ao menos, uma vez por semana, o aumento foi de 40,5% para 66,1%. Os que fazem todos os dias passaram de 14,2% para 22,1%. Os números do estado de emergência estão mais brandos, mas a prática de pedir comida em casa deve continuar. Na mesma pesquisa, 57,8% disseram que seguirão as solicitações por aplicativos ou telefone.

Esse modelo de compra fez com que **Everton Henrique Silva de Oliveira**, 31, realizasse um sonho: trabalhar com sua moto. Desde fevereiro, ele atua como motoboy levando sabores para as residências santa-cruzenses. E não é pouca coisa. O morador do Bairro Dona Carlota presta serviços para um restaurante e uma pizzeria. São 150 quilômetros sobre duas rodas, diariamente.

E o que antes se resumia a garantir um lanche para aqueles dias em que a ideia era comer algo mais rápido, em casos de pessoas que moram sozinhas, agora, pode se configurar no prato principal para as famílias. "As pessoas estão pedindo pratos, também, não somente os lanches", conta.



Rafaelly Machado

## Levando alimento para o coração

Casado e pai de dois filhos, uma menina de 8 anos e um menino de 5, Oliveira sabe que leva mais do que comida. Com a pizza ou os outros pratos vai a oportunidade de que as famílias possam se reunir, trocar uma ideia e, quem sabe, planejar um momento coletivo.

Em uma das chamadas, a entrega foi além de tudo isso. "Fiz uma tele para Passo do Sobrado. O cliente pediu para levar um buquê de rosas para a namorada. Eles tinham brigado na noite anterior", relembra. Ao que parece, diante da emoção e das lágrimas de quem as recebeu, as rosas deram a sua mensagem, por meio trabalho do motorista, que também leva alimento para o coração.

25 de JULHO  
DIA DO COLONO  
E MOTORISTA

**PARABÉNS A QUEM VIVE DA TERRA E VIVE DE ESTRADA, SUPERANDO DESAFIOS E CRIANDO SOLUÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO.**

HOMENAGEM DA AUGUSTA EM RECONHECIMENTO AO TRABALHO DESTES PROFISSIONAIS.



**AUGUSTA**  
INTERNACIONAL



Rua Ottmar Benno Schultz, 3638  
Distrito Industrial | Venâncio Aires - RS  
CEP 95800-000 | Fone: (51) 3741-3104  
matriz@augusta.la

www.augusta.la  
augustainternacional  
@augustainternacional  
@augustalag

# Profissão que passa de pai para filho

*Clavio Franke está no volante do táxi quase metade de sua vida. Ao ser questionado sobre escolher outra profissão, ele é taxativo: “Nem pensar. É o que eu gosto de fazer”*

A família de Clavio Franke integra um grande grupo de pessoas que deixa o interior e vai para a cidade, em busca de melhores oportunidades. Eles plantavam tabaco, mas viram uma reviravolta fazer com que o pai assumisse o volante de um táxi. Fez história e ponto fixo, na esquina da Avenida Independência com a Rua Oscar Hugo Martin.

É nesse lugar que ele pode ser encontrado. Antes disso, sua vida já estava atrelada à função de motorista. Dirigia caminhão, em pequenas viagens pela região, e trabalhou para pessoas que tinham táxis na região central. A passagem do bastão, ou do volante, foi em 1995. Assumiu um Kadett com a responsabilidade de manter a clientela, além de garantir o sustento da sua casa.

Casado e pai de três filhos, nenhum deles com a ideia de seguir os seus passos no transporte de passageiros, Franke viu os hábitos dos clientes mudarem. Atualmente, faz entre 2,5 mil e 3 mil quilômetros por mês, bem menos do que em outras épocas, quando opções como os aplicativos não existiam. Ainda assim,

Fotos: Alencar da Rosa

Em seu tradicional ponto, Clavio Franke posa ao lado de seu 12º companheiro de trabalho; no detalhe, foto semelhante registrada com o primeiro carro



aposentado, vê na profissão uma maneira de reforçar o orçamento familiar. “Reduziu bastante, mas ainda dá para manter”, frisa.

Desde o Kadett, ele já teve 12 carros, mas manteve o ponto. “Aqui, eles me ligam e nem precisam dizer a rua, já sei quem são as pessoas e

onde moram”, conta. Assim tem feito com uma clientela praticamente fixa e que tem confiança de que será bem atendida.



## O método antigo de contato

Enquanto muita gente passou a acionar o transporte por meio do aplicativo, em celulares, a clientela de Franke mantém o hábito de ligar ou chegar no ponto do taxista. Alguns vão de ônibus do interior até o Germânia e de táxi a partir dali. E claro que isso é reflexo de confiança.

A forma como trata os passageiros e a relação construída com eles fazem com que continue sendo a opção, além de garantir que sempre tenha vontade de seguir trabalhando. Nos domingos, quando poderia ficar em casa, o pai de família, aos 67 anos, vai para o ponto. “Não consigo ficar muito tempo parado. Sou obrigado a vir para cá, mesmo que não tenha movimento”, enfatiza.

Assim, ele viu o bairro desenvolver-se, com a ampliação do número de casas onde era apenas campo, terrenos ganharem muros para aumentar a segurança e o público e o comércio aumentarem. Continuam, no entanto, as corridas com horas marcadas, a tradição de levar crianças em compromissos aonde os pais não conseguem ir por motivo de trabalho e pessoas de mais idade, que não conseguem caminhar em longas distâncias.

25 de Julho

Dia do Colono e do Motorista

Mãos que trabalham  
pelo desenvolvimento...

 **Sinimbu**  
A certeza de uma boa viagem!

# Quando a velocidade não está relacionada ao tempo

*A rápida resposta dos bombeiros pode representar o salvamento de vidas. É nessa hora que os motoristas de viaturas têm a missão de garantir a segurança de suas equipes e a agilidade*

**A**s pessoas estão condicionadas a vincularem o transporte da produção, em especial de alimentos, quando se fala em motorista. E faz muito sentido. Afinal, é artigo essencial para a subsistência humana. Existem exemplos, porém, que vão além de um ponto de partida e um de chegada; da condução de passageiros, como os taxistas ou aqueles que trabalham em coletivos ou por aplicativos. São os que atuam nos serviços de saúde ou segurança.

O resultado da atividade deles não vai colocar comida nas prateleiras dos supermercados, mas cada segundo conseguido no tempo de resposta pode significar o salvamento de vidas e, eventualmente, de bens materiais. Assim é o dia dos bombeiros, que têm a tarefa dificultada por, muitas vezes, precisarem fazer um veículo pesado, como o caminhão, ganhar espaço e velocidade dentro das áreas urbanas, em geral congestionadas.

É o caso do 2º sargento **Aguiar Araújo**, que dirige veículos do Corpo de Bombeiros de Santa Cruz do Sul e é instrutor na formação de novos condutores. Ele reforça que, minimamente, a CNH da categoria B é exigida para o ingresso na corporação.



Depois disso, passam pelo curso Condutor de Veículo de Emergência, que é direcionado para operar os caminhões; as exigências somam-se com o curso Condutor e Operador

de Viaturas. “Esse curso trata da operação das mais diversas viaturas que existem na corporação, desde caminhões de combate a incêndio, autoescada mecânica, até ambulância e demais veículos”, ressalta.

Esses mecanismos de qualificação

não são apenas para colocar certificados na parede da sala. O sargento Aguiar reforça que é uma forma de aprender técnicas para a utilização dos veículos, que são diferenciados e demandam uma condução especializada.

## Sempre de prontidão

A equipe do Corpo de Bombeiros está atenta 24 horas. “Estamos sempre prontos para as mais diversas ocorrências”, afirma. É dessa forma que lidam com o chamado “tempo resposta”, o período em que recebem a ligação com o chamado até o momento da chegada na ocorrência.

“O trânsito é sempre um desafio, exigindo habilidade, atenção e muito cuidado durante o deslocamento”, frisa. Isso faz com que levem em consideração os vários fatores que geram riscos durante o deslocamento, além de, rapidamente, ter que escolher o caminho mais curto, que permitirá atendimento rápido e técnico.

E se conduzir um veículo leve, em um trânsito pesado como o de Santa Cruz do Sul, não é tarefa fácil, imagine um caminhão.

O sargento explica: “O segredo é simples. Deve estar preparado técnico e fisicamente, pois dirigir um caminhão exige técnica apurada, muita atenção e habilidade para poder trafegar e não ser mais um a gerar risco no trânsito.”

A dificuldade é minimizada com a colaboração dos demais motoristas. “No momento em que estamos com sinais sonoros e luminosos ligados, significa que vamos para uma ocorrência e, de certa forma, os usuários contribuem para a passagem da viatura”, conta.

O único empecilho é quando se trata de local onde o trânsito está congestionado. Nesse caso, exige-se habilidade ainda maior para o condutor do caminhão achar rota alternativa, que facilite a chegada ao destino.

## Sensação de dever cumprido

Chegar ao fim de um atendimento, ver a situação resolvida, gera na equipe a sensação de dever cumprido. “Dá satisfação de poder ajudar alguém numa hora não muito boa, porque o bombeiro sai do quartel, geralmente, quando alguém está em perigo”, ressalta.

Essa percepção faz com que não tenha dúvida em escolher a profissão bombeiro, mesmo ciente de que serão vividos momentos de drama e medo, como os casos em que são envolvidos bebês. “Muitas vezes os pais nos ligam e fazemos a primeira abordagem pelo telefone, pois não podemos perder tempo. Temos que ter a calma para instruir os pais quanto à execução da manobra [de Heimlich]”, cita.



## Eles semeiam e conduzem o progresso da nossa terra.

Parabenizamos os colonos e motoristas por sua incansável dedicação e contribuição para o desenvolvimento do nosso país.



WWW.  
PROFIGEN.  
COM.BR

# Família unida na boleia do boiadeiro

*Casal de Linha Pinheiral  
percorre o Estado e  
transforma o caminhão  
em uma segunda casa*



Alencar da Rosa

**U**ma das dificuldades para as famílias dos caminhoneiros é a distância. Como os astros dos volantes passam muitos dias nas estradas, ficam longos períodos sem ver as esposas, maridos e filhos. A tecnologia diminuiu essa sensação de estar longe – podem se olhar pela tela do celular –, mas ainda não é a mesma coisa que poder dar um abraço. Esse problema não existe na

casal de **Leopoldo Frantz** e **Mara Cristina Müller**, em Linha Pinheiral.

O casal pega a estrada junto. Ambos dirigem os caminhões para o transporte de gado para frigorífico e transformaram essa vida de viagem em rotina. Passam mais tempo na boleia do possante do que em sua morada. E isso nem é problema. “Sabe que, com esse frio, é até mais interessante ficar na boleia do caminhão do que em casa? É muito quentinho”, ressalta Mara.

Além de aconchegante, as inovações nos veículos fizeram com que as viagens passassem a ser confortáveis, sem perder a característica principal:

cada uma delas é algo diferente, mesmo que seja o mesmo trajeto. Serão novas imagens, novas situações a serem vividas, perrengues enfrentados, mas muitos motivos para sorrir e comemorar a volta para o lar.

Nem sempre foi assim. Antes de namorarem e passarem a morar juntos, Mara tinha uma vida mais urbana. Era diretora de marketing de uma grande empresa. “Vivia no salto”, brinca. Leopoldo, por outro lado, teve na lida campeira sua história: mesmo quando se dedicou ao comércio, era vinculado à produção. Foi a estrada, porém, que reforçou a união deles.

**A nossa homenagem àqueles que  
cultivam a terra e desbravam as estradas!**

**25 de julho**

**Dia do Colono e Motorista!**



## A vida na estrada

Mara fez o salto diminuir, mas não deixou a vaidade de lado. Todos os dias, antes do primeiro chimarrão, faz questão de pegar o kit beleza e realizar sua maquiagem. Ainda enfrenta um pouco do preconceito por ser a mulher que anda com o homem no trecho. “Quando falamos que sou a esposa dele, ficam com vergonha”, brinca.

O kit que os acompanha não é somente de estética. Para reduzir o alto custo da alimentação, eles levam mantimentos. “E tem que ser assim, porque a gente fica muito tempo fora. Não tem domingo, por exemplo, porque o gado tem que estar segunda no frigorífico para as pessoas trabalharem”, explica.

Além disso, por mais que o Brasil utilize o transporte rodoviário em grande escala para levar sua produção, ainda são poucos os pontos de parada com estrutura para esses profissionais. O que salva é a iniciativa privada, por meio de postos de combustíveis.

Para o casal Mara e Leopoldo, existe outro diferencial. Eles transportam gado vivo. Isso amplia a demanda de documentação, inviabiliza eventuais atrasos e o aproveitamento de viagens (muitos viajam com uma carga e retornam ao local de origem com outra – para eles isso não é viável).

Não são, claro, somente problemas. Quem está na estrada conhece novos lugares, muitas pessoas que têm tradições e modelos diferentes da região. “Temos acesso a fazendas com casas antigas, mangueira de pedra, muitos animais silvestres, além de grandes espaços. Em alguns casos, andamos 13 quilômetros dentro da mesma propriedade”, enfatiza Leopoldo.

Treze quilômetros dentro da mesma fazenda fica um trecho pequeno se comparado ao que percorrem semanalmente. São cerca de 3 mil quilômetros. Distância que empolga pelas imagens e assusta pelo custo. Calculam que os veículos consomem em torno de 1,2 mil litros de óleo por semana. Ainda tem, no trecho, buracos, assaltos, pedágios e muitos problemas. “Tem que gostar de estar na estrada. E nós gostamos muito”, garantem.

**AREUESC**  
ASSOCIAÇÃO DOS REVENDEDORES DE VEÍCULOS DE  
SANTA CRUZ DO SUL  
*Faz a diferença!*

**carro  
nota10**.com.br



UMA HOMENAGEM A QUEM PRODUZ E TRANSPORTA  
AS RIQUEZAS QUE **FAZEM PROSPERAR A NOSSA TERRA.**



**Estamos**  
**perto** de  
quem é  
*daqui*



25 DE JULHO  
DIA DO COLONO E MOTORISTA

# A PRÓXIMAÇÃO

## **A maior agência de marketing e comunicação do interior do RS**

Sempre próximos do local mais importante para a sua empresa, para você e para a gente: a nossa região.

## **Somos um time formado por 70 talentos,**

Temos 6 equipes criativas desenvolvendo soluções inovadoras todos os dias.

## **Nossa visão de comunicação é 360º,**

Enxergamos comunicação em todos os aspectos e temos soluções para qualquer desafio.

## **Atendemos mais de 80 empresas, Nossos clientes estão em 25 estados brasileiros e em países como Estados Unidos, Colômbia e Paraguai.**

Estamos presentes em vários lugares do Brasil e do mundo, e estamos presentes aqui, **próximos sempre que precisar.**

Venha fazer a próxima ação de comunicação da sua empresa com a agência que vai Além do Óbvio.

---

**Atendemos 80 clientes em todo o Brasil.** Na nossa região temos a honra de trabalhar com essas empresas.



**Santa Cruz**  
PASSAGEIROS - TURISMO - ENCOMENDAS



**E.C. UNIÃO CORINTHIANS**



**RED CONTAINER**  
FERRAGENS



**BOCK**  
Incorporadora



**GAZETA**  
DO SUL



**About pub**



**VIABOL**  
INTERNET



**HI MARTE**  
NET



**luxtel**  
internet



**TRANSPORTES Mähler**



**OPA**  
91.5FM



**Contel**

## O QUE DIZEM NOSSOS CLIENTES



**JONAS ALEI DA SILVA**  
GESTOR EXECUTIVO  
Gazeta do Sul

“  
Trabalhamos com o ClubedeMídia no ano passado e os resultados expressivos que alcançamos nos levaram a renovar o contratos. **É um orgulho para Santa Cruz contar com empresas como essa, que ajudam decisivamente no crescimento dos negócios da região.**”



**CLEBER FERNANDES**  
SÓCIO PROPRIETÁRIO  
Contel Telecom

“  
Contratamos o ClubedeMídia por causa da abrangência nacional. **Eles conhecem as particularidades de todas as regiões do Brasil** e vão nos ajudar a expandir a empresa para todos os estados com qualidade, comunicação estruturada e ações comerciais.”



**DIEGO PUNTEL**  
DIRETOR DE BASQUETE  
União Corinthians

“  
**Trabalhar com o ClubedeMídia foi fundamental para resgatar a tradição e os valores do União Corinthians.** Uma grande equipe esportiva como a nossa precisava de uma grande equipe criativa para desenvolver ações de comunicação que representassem toda a paixão da nossa torcida por esse esporte tão emocionante.”



**MÁRCIA MARTIN E HIURI ILHA**  
PROPRIETÁRIOS  
Himarte

“  
Para nós a parceria com o ClubedeMídia foi um divisor de águas, há tempos buscávamos a nossa identidade, e desde o primeiro contato, o Clube captou todas as nossas necessidades, desenvolvendo um trabalho ímpar. Hoje nos vemos de forma totalmente diferente. **Agilidade, ótimo atendimento, entendimento total sobre o nosso mercado de atuação e ideias visionárias são as principais características do ClubedeMídia.** Para nós, essa parceria é ouro!”



**ANDERSON LIMBERGER**  
GERENTE DE PLANEJAMENTO  
Transportes Mähler

“  
Trabalhamos há 45 anos com transporte rodoviário de cargas!

**O sonho de investir em um caminhão nos transformou em uma empresa atuante em diversas regiões, dedicada principalmente em transportar a riqueza agrícola do Brasil.** Trabalhamos sempre com o compromisso de manter a qualidade no serviço em qualquer cenário.

Contamos com o Clube para divulgar um pouco do nosso trabalho, entender as tendências do mercado, criar um canal com nossos parceiros, manter a nossa identidade e o nosso jeito de fazer transporte, com segurança e qualidade.”

**ESTAMOS PRONTOS PARA A PRÓXIMA AÇÃO DE COMUNICAÇÃO DE EMPRESAS DE TODOS OS TAMANHOS E SEGMENTOS:**

- CONSULTORIA DE MARKETING
- COMUNICAÇÃO 360°
- IDENTIDADE VISUAL COMPLETA
- GESTÃO DE REDES SOCIAIS
- PLANEJAMENTO DE CAMPANHAS
- MATERIAL PARA FEIRAS E EVENTOS

**TUDO O QUE VOCÊ IMAGINA, A GENTE FAZ,**

**TRAGA SUA EMPRESA PARA O CLUBE,**

VE M P R O C L U B E

PERCORREMOS CIDADES POR TODO O BRASIL  
E ATÉ FORA DELE, MAS **NOSSO MAIOR ORGULHO**  
**É FAZER PARTE DESSA REGIÃO!**



**CLUBEMÍDIA**  
AGÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

☎ 51 3719-5858

Avenida Paul Harris, 264 • Centro  
Santa Cruz do Sul/RS • Brasil

[clubedemidia.com.br](http://clubedemidia.com.br) • [negocios@clubedemidia.com.br](mailto:negocios@clubedemidia.com.br)